

Pesquisa de campo qualitativa: uma vivência em geografia humanista

Resumo

O objetivo deste artigo é descrever a experiência de uma pesquisa de campo qualitativa em Geografia, com uma abordagem humanista. A pesquisa de campo foi feita no município de Itacaré, sul do estado da Bahia, com o propósito compreender como os sujeitos de Itacaré percebem o rio das Contas, qual é o significado do rio para eles. Como método de pesquisa de campo, optamos pela história oral e pelas técnicas da entrevista, da observação e, ainda, pelo registro de paisagens através de fotografias. A nossa presença em Itacaré foi importante para o êxito da pesquisa porque pudemos conhecer melhor as pessoas e o seu cotidiano, fato que contribuiu para a qualidade das informações contidas nas 41 entrevistas feitas. Também, essa convivência com as pessoas do lugar foi uma grande experiência vivida na perspectiva da Geografia Humanista.

Palavras-chave: Geografia Humanista, pesquisa de campo qualitativa, história oral.

Abstract

QUALITATIVE FIELD RESEARCH: EXPERIENCE IN HUMANISTIC GEOGRAPHY

This paper aims at describing the experience of a qualitative field research in Geography under a humanistic approach. The field research was carried out in Itacaré, located in the south of Bahia state, aiming at understanding how the individuals from Itacaré perceive Rio das Contas, what the river means to them. We have chosen oral history as field research method and the techniques of oral interview, observation and the record of landscapes through photography. Our presence in Itacaré was critical for the field research's success as we could get to know better the

people and their everyday life, which contributed for the quality of the information contained in the 41 oral interviews collected. Also, staying with these people was a valuable experience under the Humanistic Geography perspective.

Key-words: Humanistic Geography, qualitative field research, oral history.

1. Considerações iniciais

Este artigo foi escrito de acordo com uma pesquisa de campo do tipo qualitativa, desenvolvida para uma tese de doutorado em Geografia. Importante esclarecer que o objetivo da pesquisa de doutorado era compreender como pessoas de Itacaré percebem o rio das Contas, o qual experienciam... vivenciam cotidianamente, qual é o significado do rio para elas, registrando suas emoções, seus sentimentos, seus olhares... pois esse rio é um importante elemento geográfico da paisagem itacareense.

Com relação a este artigo, seu propósito é relatar nossa vivência em uma pesquisa de campo qualitativa, procurando, com isto, praticar, realmente, uma Geografia Humanista. Portanto, deve ficar claro que este texto se refere à metodologia da pesquisa, e não à apresentação dos resultados.

Nesta perspectiva, este artigo aborda a escolha do tema e do lugar da pesquisa de campo e, ainda, a justificativa destas escolhas; discute, também, a pesquisa qualitativa, a pesquisa de campo e a história oral como estratégias de coleta de dados em campo e, por último, os procedimentos metodológicos, buscando explicitar os sujeitos participantes e como foram feitas as entrevistas com os mesmos.

Podemos dizer que vivenciamos nossa pesquisa de campo, porque “vivência é o processo de viver; é coisa que se experimentou vivendo, vivenciando; é o conhecimento adquirido no processo de viver ou vivenciar uma situação ou de realizar alguma coisa; é experiência, prática; é aquilo que se viveu” (HOUAISS, 2009).

Vivenciar, então, é mais do que viver... é viver com sentimento, ter relação com... envolver-se, adquirir experiência, experienciar... Foi com esse desejo que fizemos nossa pesquisa de campo no espaço geográfico do rio das Contas em Itacaré, pois esse caminho fluvial não é somente

um mero acidente geográfico, que podemos representar no mapa, ou estudar a geomorfologia fluvial ou, ainda, que temos a possibilidade de explorar como um recurso econômico. Envolvemo-nos com o rio das Contas, porque ele é muito mais do que isso... pois, em todo seu percurso, carrega, simbolicamente, a existência humana com sua infinidade de desejos, sentimentos, intenções, ações... Podemos dizer que há uma “*géographicité*” (DARDEL, 1990, p. 2), ou seja, uma cumplicidade entre a Terra e as pessoas (ou entre o rio e as pessoas), que se realiza na existência humana. Essa geograficidade é a relação intensa que temos com o mundo, através dos espaços, das paisagens e dos lugares... “geograficidade humana” (HOLZER, 2006, p. 111).

2. “Um olhar” sobre a pesquisa

Olhemos para o “olhar” que lançamos em Itacaré, pois olhar, segundo Bosi (2006, p. 66), é “o movimento interno do ser que se coloca em busca de informações e de significações”. “O ato de olhar significa um dirigir a mente para um ‘ato de in-tencionalidade’, um ato de significação que, para Husserl, define a essência dos atos humanos” (p. 65). Bosi escreve, ainda, que “o olhar está enraizado na corporeidade humana, enquanto sensibilidade e enquanto motricidade” (p. 66), mas não está isolado, porque as pessoas dispõem de outros sentidos além da visão, como a audição, o tato, o olfato e o paladar. Todos estes sentidos são importantes para olhar e conhecer ou, ainda, para perceber. Este é um olhar fenomenológico, um olhar de dentro, já que o sujeito da percepção faz parte do fenômeno. Foi este tipo de olhar que lançamos sobre nossa pesquisa, ou seja, um olhar com o intuito de conhecer e compreender as percepções dos sujeitos da pesquisa com relação ao rio das Contas, em Itacaré.

A opção pelo tema, percepção geográfica do rio das Contas, ocorreu porque, desde que conhecemos Itacaré (último município do percurso do rio), ficamos encantadas com este rio, com sua história, com sua gente, enfim, com este presente da natureza! Além disso, o rio das Contas tem uma presença marcante na história do estado da Bahia e na existência

da vida humana, em toda a área de sua bacia hidrográfica. Todavia, é importante conhecermos a percepção das pessoas que vivenciam o rio das Contas, porque isto vai mostrar-nos a forma destas pessoas verem, interpretarem e interferirem no meio em que vivem.

Para Severino (2002, p. 145), “a temática deve ser realmente uma problemática vivenciada pelo pesquisador, em vista de sua relação com o universo que o envolve. A escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização, necessariamente é um ato político”.

Ao mesmo tempo em que escolhemos o tema, decidimos pelo espaço geográfico do rio das Contas, dentro do município de Itacaré, como lugar de estudo, devido às características peculiares de todo o seu percurso: um rio que nasce “doce” no alto das montanhas, num oásis dentro do sertão semi-árido baiano (Chapada Diamantina, município de Piatã, serra do Tromba), e, depois de serpentear, perenemente, por muitos quilômetros dentro da caatinga (sertão baiano), penetra na mata (Mata Atlântica), vai contornando as rochas e os obstáculos e fica muito estreito ao cruzar um cânion. Na sequência, suas águas fluem calmamente, até chegar “salgado” ao oceano, na cidade de Itacaré, sul do estado da Bahia. Mas, ainda existem motivos pessoais, também importantes, quanto à escolha de estudá-lo, como o desejo de aprendermos sobre um espaço ainda não vivido (por nós), compreendermos o rio que muito contribui com a atividade turística no sul da Bahia e, também, experimentarmos (no sentido de cognição própria) a beleza de suas paisagens ao longo de seu percurso, principalmente, dentro do município de Itacaré.

Para fazer a pesquisa de campo, decidimos pelo espaço geográfico das margens do rio das Contas, somente no município de Itacaré, porque ficaria de difícil acesso aplicar as técnicas de pesquisa na área total da bacia hidrográfica, ou mesmo, ao longo de todo o rio, devido a sua extensão e, também, ao tempo e aos custos necessários, ficando restrita a trabalhos desenvolvidos por agências federais e estaduais.

Nossa área da pesquisa de campo está inserida na APA Itacaré-Serra Grande, criada pelo Governo do estado da Bahia, através do Decreto n°. 2.186, de 07/06/93, inicialmente com 15.000 ha e, em 2003, ampliada para, aproximadamente, 60.000 ha. A APA é uma categoria de Unidade

de Conservação (UC) do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que tem como principal objetivo preservar o meio ambiente, pois uma APA segue normas quanto ao manejo adequado de seu território (SEIA, 2009).

Portanto, os dados coletados nessa pesquisa de campo, a qual considera a afetividade e os sentimentos humanos, podem contribuir para ampliar os conhecimentos sobre a relação que as pessoas desenvolvem com seu lugar... com as paisagens de seu lugar, valorizando o rio das Contas enquanto um elemento humanizado importante para a região sul da Bahia, bem como poderá contribuir, também, para subsidiar ações de Agências Governamentais e ONGs, com relação a este elemento hídrico, ao município de Itacaré e às comunidades rurais quilombolas, existentes ao longo de suas margens.

Fizemos uso das palavras de Machado (1996, p. 99) para justificar, ainda mais, a importância em pesquisarmos a percepção daqueles que vivenciam diariamente o rio das Contas em Itacaré:

Só quem a experiência [a paisagem] por meio de um contato direto e contínuo pode alcançar melhor compreensão dela. Pode-se considerar a percepção dos moradores como uma informação de grande importância no estudo da interação entre homem e paisagem, pois é inegável que há uma profunda diferença entre um cenário descrito e estudado, e um cenário experienciado e vivido. É a familiaridade em relação a tudo o que existe na paisagem que lhe confere um significado especial; onde os habitantes vivem, se movimentam e se relacionam entre si e com a paisagem.

Para tanto, optamos pela oralidade como principal estratégia metodológica em campo, o que nos permitiu alcançar os propósitos da pesquisa.

3. A oralidade como trajetória da coleta de dados

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, visto que queremos saber o que é o rio das Contas para os sujeitos da investigação. Uma pesquisa qualitativa, ao valorizar os aspectos descritivos e as percepções pessoais, procura compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, avaliar também o contexto em que vivem (BOGDAN; BIKLEN, 1994), através de valores, crenças, atitudes, representações, significados, opiniões e visões

de mundo expressos na linguagem comum e na vida cotidiana dessas pessoas. Uma pesquisa qualitativa “trabalha” com informações subjetivas de locais e de fatos, fornecidas pelos sujeitos envolvidos.

Como as pessoas vivem, também, em função de suas percepções, crenças, sentimentos e valores, suas visões de mundo têm sempre um sentido, um significado, que não são revelados de imediato mas precisam ser desvelados. Para Alves-Mazotti (2001), esta é a principal característica da pesquisa qualitativa, a qual ele adota como um termo para distinguir pesquisas, cuja ênfase recai sobre a compreensão das intenções e do significado dos atos humanos.

Minayo (1994, p. 21-22) concorda com Alves-Mazotti ao escrever que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

De acordo com Laville e Dionne (1999, p. 43), as pesquisas qualitativas são mais apropriadas para investigar os fenômenos humanos, para que “tentemos conhecer as motivações, as representações, consideremos os valores, [...], deixemos falar o real a seu modo e o escutemos”.

Para Teixeira (2006, p. 137):

Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados.

Segundo García Ballesteros (1998, p. 24), “empleamos una metodología cualitativa cuando queremos responder a la pregunta de por qué nuestra relación en y con el espacio es de una determinada manera y por qué no es de outra” [...].

Uma característica importante das pesquisas qualitativas é que são exploratórias, ou seja, incentivam os sujeitos a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos dos sujeitos e atingem motivações não explícitas ou, mesmo, conscientes,

de maneira espontânea. Devem ser usadas quando buscamos percepção e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para interpretação. Por isso, a coleta das informações, nesse tipo de pesquisa, deve ser feita diretamente pelo pesquisador no local dos levantamentos, para que ele tenha maior compreensão dos fenômenos que quer estudar, ou seja, é o próprio pesquisador que deve fazer a pesquisa de campo.

Pesquisar é buscar e, portanto, pesquisar em campo é buscar respostas (em algum local) para responder às questões da pesquisa. Duarte (2002) escreve que uma pesquisa de campo é uma busca feita por um pesquisador, cujo olhar dirige-se para locais já conhecidos por muitos, mas, sempre, com uma maneira diferente de olhar e de pensar determinada realidade a partir da experiência e da apropriação do conhecimento, que são muito pessoais.

De acordo com Minayo (1994, p. 53), a pesquisa de campo é “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação”. Isto é o mesmo que dizer: é a escolha de uma área para aplicar a teoria da pesquisa.

Segundo Ruiz (1976, p. 50), “a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises”. Em campo, podemos estabelecer relações constantes entre determinadas condições e determinados eventos observados.

Para Suertegaray (2002), o trabalho de campo é um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento do objeto e, que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo.

São muitas as estratégias de coleta de dados na pesquisa de campo em uma abordagem qualitativa, dentre elas, a história oral ocupa lugar de destaque. A importância da história oral está na subjetividade do sujeito, que fornece às fontes orais elementos que nenhuma outra fonte seria capaz de dar, pode revelar sentimentos, significados, simbolismos e, até, a imaginação das pessoas. A riqueza de uma pesquisa com esta metodologia está na ênfase e na importância atribuídas aos sujeitos da pesquisa, construtores de seu destino, entre possibilidades e limites.

A história oral, como estratégia metodológica de pesquisa de campo, é muito usada nas ciências humanas, por se colocar, justamente, no ponto em que se cruzam a vida individual dos sujeitos e seu contexto social. Ou seja, através desta estratégia podemos fazer um mergulho no mundo criado e dinamizado pelas pessoas em seu dia a dia, em seu ambiente.

Conhecemos e tomamos consciência de nossa relação com o meio em que vivemos porque temos uma maneira diferenciada, comparada aos outros animais, de pertencer a ele. Criamos nossas relações entre nós mesmos (sociais) e com as demais espécies (ambientais), todos vivendo no mesmo meio ou no mesmo planeta. Por isso, podemos dizer que estabelecemos relações socioambientais e nelas vivemos imersos, pois somos também um elemento do meio ambiente.

Desse modo, pensar a história oral como possibilidade de entender o vivido de cada sujeito faz dela uma estratégia muito usada em pesquisas de percepção do meio ambiente. O importante é que seja focado diretamente o tema de interesse do pesquisador.

Como nossa pesquisa esteve voltada para a interpretação da percepção das pessoas que moram próximas ao rio das Contas, portanto, percepção do meio ambiente, adotamos a história oral como principal estratégia em campo. Para tanto, buscamos embasamento metodológico em Whyte (1977), a qual escreve que os estudos de percepção ambiental devem se basear em três estratégias na pesquisa de campo, quais sejam: ouvindo, perguntando e observando. Entretanto, a autora complementa que a melhor estratégia a ser adotada depende do objetivo, da situação de campo e das condições do pesquisador. Apoiadas nesta autora, optamos, então, por “ouvir” as pessoas, adotando a história oral como principal estratégia metodológica.

Vale ressaltar que, para Whyte (1977, p. 71), “oral history is a method whereby oral evidence is taken from people who have usually directly experienced the events they talk about or who are relating accounts that have been personally handed down to them”. A evidência oral, nesta perspectiva, é muito importante para as pesquisas de percepção ambiental porque revela não somente os fatos da experiência e da conduta ambiental, mas, também, os sentimentos e os significados para as pessoas que estão

associados a eles. Os relatos dos sujeitos sobre os eventos, acontecimentos, pessoas e lugares revelam suas percepções, sentimentos, atitudes, valores e visões de mundo, bem como expressam o espírito e o sentimento de realmente terem estado presentes.

A história oral passou a ser mais valorizada como método de pesquisa de campo, na medida em que pesquisadores constataram que percepções, sentimentos, emoções, valores e visões de mundo não “apareciam” nos dados estatísticos. Assim, muitos pesquisadores começaram a adotar a história oral como uma estratégia válida para buscar informações orais em campo, cada um valorizando um aspecto dela.

Para García Ballesteros (1992, p. 15):

La reformulación de ciertos conceptos, el recurso a técnicas de trabajo que suponen un mayor contacto con los lugares y la vida cotidiana, son aportaciones de la Geografía Humanística que contribuyen a enriquecer el campo de la Geografía contemporánea e incluso a conectarla con el complejo mundo de la posmodernidad y su exaltación de la individualización del tiempo, del espacio y de la propia historia.

Thompson (1992, p. 137) escreve que “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de pesquisa em ‘sujeitos’, contribui para uma informação que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, como também mais verdadeira”, pois são os sujeitos que dão forma e conteúdo às narrativas, à medida que interpretam suas próprias experiências e o mundo no qual elas são vividas.

Meihy (2000, p. 29) define a história oral como:

um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

Já Alberti (2004) aponta a história oral como um método de investigação científica, como uma fonte de pesquisa de campo ou, ainda, como uma técnica de produção e tratamento de entrevistas ou depoimentos gravados. Para ele, as falas tomadas no âmbito da história oral permitem ao (à) pesquisador(a) o acesso à informações/pistas sobre aspectos de difícil apreensão por outros caminhos investigativos e, ainda, fornece ao

(à) pesquisador(a) experiência e características particulares sobre aquilo que está investigando.

Assim, a história oral ganhou importância como método válido para a obtenção de informações em campo, na medida em que os conteúdos das falas obtidas dos sujeitos da pesquisa extrapolaram os sentidos e os significados que pretendiam expressar conscientemente. Por sua vez, é importante registrar que o pesquisador, com discernimento, deve extrair do material empírico tudo que foi falado pelos sujeitos e, ainda, deve analisar suas respostas, de maneira que não distorça o que disseram ou queriam dizer.

Como método ou estratégia de pesquisa de campo, a história oral tem um quadro amplo de técnicas aplicáveis à coleta de informações, tais como: entrevistas, depoimentos, relatos, biografias, autobiografias, histórias de vida, etc. Para Dencker (2000), uma característica importante das pesquisas qualitativas é a utilização de diferentes técnicas de coleta de dados em campo, sendo que as mais utilizadas são a entrevista aberta e a observação.

Nesta perspectiva, optamos pela entrevista aberta como principal instrumento de coleta de informações em campo, com o objetivo de saber o que é o rio das Contas para as pessoas que o vivenciam diariamente, o que o rio significa para elas, se se identificam com ele, se têm afetividade por ele, etc. Além do mais, a entrevista aberta, segundo Lüdke e André (1986), permite uma maior interatividade com os sujeitos da pesquisa, pois consiste num diálogo entre o pesquisador e o sujeito participante. Uma recomendação importante é que uma entrevista, geralmente, tem maior êxito quando planejada *a priori*. Por esse motivo, elaboramos um roteiro para nossa entrevista antes de irmos a campo.

Ainda com relação às técnicas de coleta de dados em campo, fizemos uso também da observação e do registro das paisagens através de fotografias. A observação obriga o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade social e, também, ajuda-o a identificar os sujeitos de sua pesquisa.

Por meio da observação, podemos, segundo Ludke e André (1986, p. 26),

chegar mais perto da “perspectiva dos sujeitos”. Na medida em que o observador acompanha *in loco* a vivência, as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.

Também, como escreve Bachelard (2005, p. 12), é “observando que as coisas nos ‘falam’ e que por isso temos, se dermos pleno valor a essa linguagem, um contato com as coisas [...]”.

A técnica da observação assistemática ou não estruturada é aquela em que o pesquisador procura recolher e registrar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planejamento ou controle. Geralmente, este tipo de observação é empregado em pesquisas exploratórias de cunho qualitativo, as quais procuram “captar” informações subjetivas.

Corroborando com essa afirmação, Dencker (2000, p. 103) escreve que “pesquisar é observar a realidade [...] para obter informações sobre o mundo” [...]. Por isso, a técnica da observação não estruturada é valorizada principalmente pelas pesquisas qualitativas, pois procura “registrar os fenômenos como e na medida em que ocorrem e o pesquisador assume um papel importante” (p. 103).

Laville e Dionne (1999) explicam que a observação como técnica de pesquisa de campo não é a contemplação passiva e um simples olhar atento a que ou a quem queremos observar, mas “um olhar ativo” sustentado pelo problema e objetivo da pesquisa. “A preocupação de pesquisa guiará o olho e o ouvido do pesquisador e o levará a ater-se a tal [...] aspecto ou elemento” (p. 176).

Considerando essas características, a observação nos foi útil enquanto possibilitadora de um contato direto com os sujeitos, com os fatos e com os locais da pesquisa, além de contribuir na escolha das paisagens, as quais foram registradas através de fotografias.

4. “Navegando”... no lugar-rio das Contas em Itacaré

Navegar é preciso; viver não é preciso.
Quero para mim o espírito d’esta frase. [...]
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
(FERNANDO PESSOA, 1969).

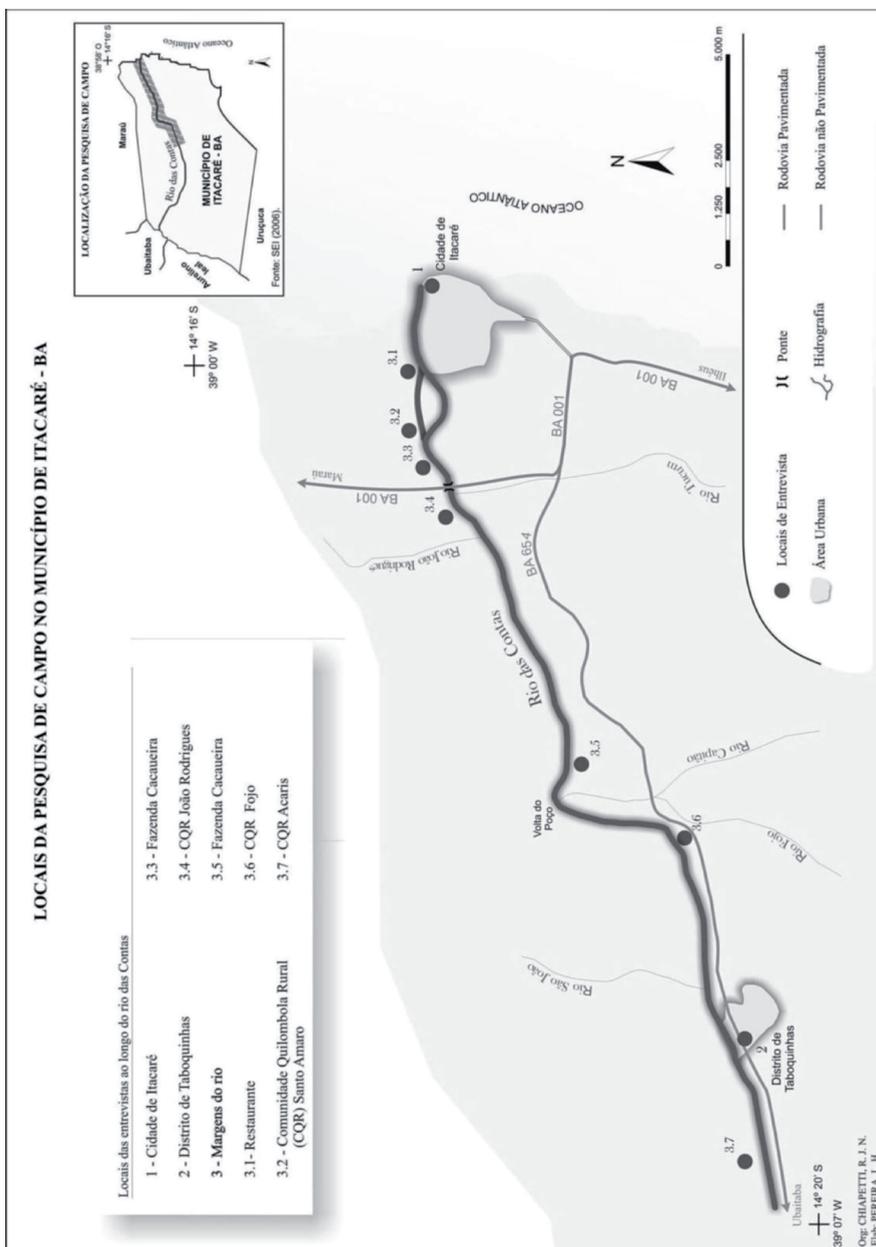
Navegar... viver... pesquisar... criar... Para navegar precisamos ter conhecimento de técnicas de navegação, um conhecimento calculado, preciso... Mas, para viver, basta vivermos... não há nada de preciso na vida, só é preciso ver, ouvir, pensar, falar... sonhar, devanear, imaginar... e, principalmente, sentir... mergulhar em si mesmo e sair... para olhar e ver... para viver... e poder pesquisar... para buscar... Mas, para pesquisar é necessário criar... para fazermos perguntas, para buscarmos respostas, para respondermos às perguntas de nossa pesquisa.

Então... navegamos... no sentido de fluir... (como no movimento contínuo da corrente de um rio), de conduzir a pesquisa de campo... de pesquisar em locais situados nas margens ao longo do rio das Contas, no município de Itacaré. Importante registrar que a pesquisa de campo foi feita diretamente pela autora desta investigação, conduzida pelos propósitos da Geografia Humanista.

Os três locais em que fizemos as entrevistas não foram selecionados *a priori*, mas no momento em que iniciamos, de fato, a pesquisa de campo na cidade de Itacaré, através de conversas com alguns moradores. Neste momento, começamos a vivenciar a relação de afeto que grande parte da população itacareense tem com o rio das Contas e, também, considerando-o como um espaço geográfico com grande potencial turístico e de lazer para a região. Assim, decidimos entrevistar pessoas que moram próximas ao rio, desde a cidade de Itacaré (inclusive) até o distrito de Taboquinhas, trecho navegável do rio com, aproximadamente, 25 km de extensão.

Assim, os locais das entrevistas, da observação e das fotografias para registro das paisagens foram: cidade de Itacaré, distrito de Taboquinhas e propriedades particulares situadas nas margens ao longo do rio das Contas (restaurante, fazendas de cacau e as Comunidades Quilombolas Rurais: Santo Amaro, João Rodrigues, Fojo e Acaris) (Figura 1).

Figura 1
 LOCAIS DA PESQUISA DE CAMPO NO MUNICÍPIO DE ITACARÉ, BA



A Figura 1 tem o objetivo de representar graficamente o espaço geográfico de nossa pesquisa de campo, registrando, pontualmente, os locais em que fizemos as entrevistas.

Este espaço do rio das Contas tem paisagens belíssimas e locais próprios à realização de atividades turísticas, a exemplo das corredeiras, do cânion, das cachoeiras em seus pequenos afluentes, da mata ciliar formada pela Mata Atlântica ainda conservada, das fazendas cacauceiras e do próprio leito do rio, aconchegante para um passeio fluvial de canoa.

De acordo com a visão de Minayo (1994, p. 54), para obtermos êxito na pesquisa de campo, primeiramente, “devemos buscar uma aproximação com as pessoas da área selecionada para o estudo”.

Nessa perspectiva, como já conhecíamos a cidade de Itacaré e algumas pessoas, foi fácil a aproximação para fazer as entrevistas neste local. Mas, para a coleta de dados em Taboquinhas, pedimos auxílio ao Instituto Floresta Viva (IFV), ONG que atua no município de Itacaré e, por intermédio da historiadora Sayonara, fomos apresentadas a um morador local, chamado Jeferson (além de conhecer muito bem Taboquinhas, mantinha sólidos laços de respeito e de afetividade pelos moradores, os quais eram recíprocos), o qual nos conduziu pelo distrito, mostrando lugares e pessoas. Sem a participação deste itacareense, teria sido quase impossível fazer as entrevistas, pois, se para conhecermos um local levamos algum tempo, para os sujeitos desse local confiarem em quem não conhecem e abrirem seus corações, levaríamos um tempo maior ainda.

Para fazermos as entrevistas ao longo do rio, o IFV colaborou, novamente, recomendando-nos à Dona Otilia (uma líder comunitária, conhecida e querida pelos ribeirinhos), a qual conduziu-nos pelas águas do Contas, levando-nos às fazendas, ao restaurante e às Comunidades Quilombolas Rurais.

Os critérios para a seleção dos sujeitos da pesquisa foram: a casualidade, seguida da condição de que falassem o que realmente pensavam e sentiam com relação ao rio das Contas, sendo espontâneos (sem artificialismos ou elementos ensaiados ou estudados; as entrevistas deveriam ser naturais, sinceras e verdadeiras). Também foi considerado o critério do voluntarismo (alguém que faz por si mesmo, sem ser incentivado ou

constrangido por outrem; pessoa de livre vontade), mas, sempre, levando em conta o critério da intencionalidade, ou seja, de acordo com “o interesse do estudo e das condições de acesso e permanência no campo e disponibilidade dos sujeitos” (DENCKER, 2000, p. 102).

Na cidade de Itacaré participaram 08 sujeitos, em Taboquinhas, 14, e nas margens ao longo do rio, 19, totalizando 41 pessoas, que vivenciam diariamente o rio das Contas, no município de Itacaré (Tabela 1).

Tabela 1
NÚMERO ABSOLUTO E RELATIVO DOS SUJEITOS QUE PARTICIPARAM DA PESQUISA DE CAMPO NO MUNICÍPIO DE ITACARÉ-BA

Cidade de Itacaré	%	Distrito de Taboquinhas	%	Margens do rio das Contas	%	Total de sujeitos	% Total
08	20	14	34	19	46	41	100

Fonte: pesquisa de campo, Itacaré-BA, dez. 2008.
Elaboração: CHIAPETTI, R. J. N., 2009.

Os critérios adotados quanto ao número de sujeitos para a entrevista foram: diversificação e saturação de pessoas, o que nos levou a alcançarmos um grau suficiente de evidência qualitativa nas respostas dadas. A diversificação ocorreu pela escolha de pessoas de sexo, idade, escolaridade e ocupações diferentes (Tabelas 2 e 3) e a saturação foi considerada quando os sujeitos começaram a “dizer as mesmas coisas”, indicando o “esgotamento” do número de pessoas entrevistadas, porque, segundo Marre (1991, p. 113), “[...] a partir de certo número de entrevistas coletadas, as posteriores não acrescentam mais nada ao que as outras expressaram”. Dencker (2000, p. 102), refere-se ao “número satisfatório [de sujeitos] quando as informações novas vão se tornando cada vez mais raras, até deixarem de ser relevantes”.

Também é necessário considerar que a qualidade das informações coletadas foi muito importante para a tomada de decisão quanto ao número dos sujeitos, pois, como a maioria das entrevistas foi longa, tornou-se possível identificar categorias que, posteriormente, seriam usadas para classificar as informações relevantes, fornecidas pelos sujeitos da pesquisa.

De acordo com a Tabela 2 os sujeitos da pesquisa têm entre 10 e 80 anos, sendo que o maior número de entrevistados têm entre 51 e 60 anos (10 ou 24,4 %), seguido pela faixa etária de 41 a 50 anos (08 ou 19,5 %) e 61 a 70 anos (07 ou 17 %). Quanto à idade, merece ser citado que o sujeito mais novo, participante da pesquisa, foi um menino de 10 anos, que brincava no rio; e a pessoa mais velha foi uma mulher de 74 anos, que passeava pela sua margem, ambos moradores do distrito de Taboquinhas.

Tabela 2
DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA POR FAIXA ETÁRIA E SEXO, EM ITACARÉ-BA

Faixa etária (anos)	Sexo (números absolutos)		Total/ faixa etária (números absolutos)
	Masculino	Feminino	
10 a 20	04	01	05
21 a 30	02	04	06
31 a 40	02	02	04
41 a 50	05	03	08
51 a 60	08	02	10
61 a 70	03	04	07
71 a 80	-	01	01
Total/ sexo	24	17	41 sujeitos

Fonte: pesquisa de campo, Itacaré-BA, dez. 2008.
Elaboração: CHIAPETTI, R. J. N., 2009.

Com relação ao sexo e à faixa etária, participaram da pesquisa mais homens (24 ou 58,5 %) do que mulheres (17 ou 41,5 %), sendo que a maioria deles têm entre 51 e 60 anos (8 do sexo masculino). As mulheres estão mais bem distribuídas por faixa etária, sendo igual o número de

participantes nas faixas etárias de 21 a 30 anos e 61 a 70 anos (04 mulheres em ambas). Enfim, podemos constatar uma boa variação do tipo dos sujeitos envolvidos, pois estão relativamente bem distribuídos entre as faixas etárias e sexo, o que leva a uma maior representatividade de sujeitos numa pesquisa qualitativa.

A tabela 3 mostra a distribuição dos sujeitos da pesquisa, considerando as variáveis ocupação e escolaridade.

Na tabela 3, o maior número de sujeitos (08 ou 19,5 %) pertence a “outras” ocupações, as quais estão agrupadas porque só existe uma pessoa em cada atividade entre os sujeitos participantes da pesquisa: lavadeira de roupa, zeladora de igreja, aposentado, balseiro, empregada doméstica, pedreiro, canoeiro e proprietário de pousada. A segunda maior ocupação está distribuída igualmente entre os pescadores e os agricultores (06 em cada uma ou 14,6 %); e as demais ocupações estão representadas com 03 ou 02 sujeitos, como no caso dos instrutores de *rafting* e das recepcionistas de pousadas, respectivamente.

Quanto à escolaridade, a maioria (22 sujeitos ou 53,6 %) tem o ensino fundamental incompleto, seguido pelo ensino fundamental completo e pelo analfabetismo, ambos com 06 sujeitos cada (14,6 %). Somente 05 sujeitos (12 %) têm o ensino médio completo: 02 são funcionários públicos, 01 trabalha na recepção de pousada, 01 não tem ocupação porque é um jovem que terminou o ensino médio e estava esperando para fazer o vestibular e 01 é pedreiro. Quando verificamos todas as ocupações dos sujeitos da pesquisa, de maneira geral, constatamos que são pessoas de pequeno poder aquisitivo, com exceção de duas mulheres que possuem curso superior e, por isso, têm atividades mais rentáveis: proprietária de fazenda cacauieira na beira do rio das Contas e diretora do ITI (Instituto de Turismo de Itacaré).

Importante esclarecer que, mesmo sendo uma pesquisa qualitativa, a qual tem o propósito de colher informações subjetivas, consideramos necessário caracterizar os sujeitos da pesquisa, já que eles não são, somente, fonte de informação, mas também autores, pois suas vivências no rio das Contas, em Itacaré, foram as nossas fontes de reflexão.

Tabela 3
DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA POR OCUPAÇÃO E ESCOLARIDADE,
EM ITACARÉ-BA

Ocupação	Número de sujeitos	Número de sujeitos por escolaridade
Pescador(a)	06	04 com ensino fundamental incompleto e 02 analfabetos
Agricultor(a)	06	02 com ensino fundamental completo, 03 com ensino fundamental incompleto e 01 analfabeto
Instrutor de <i>rafting</i>	03	01 com ensino fundamental completo e 02 com ensino fundamental incompleto
Marisqueira	03	02 com ensino fundamental incompleto e 01 analfabeto
Guia turístico	02	01 com ensino fundamental completo e 01 com ensino fundamental incompleto
Proprietário(a) de restaurante na beira do rio das Contas	02	Ensino fundamental incompleto
Trabalhador de fazenda cacaeira	02	Ensino fundamental incompleto
Proprietária de fazenda cacaeira e Diretora do ITI	02	Ensino superior completo
Recepcionista de pousada	02	01 com ensino médio completo e 01 com ensino fundamental completo
Funcionário Público	02	01 com ensino médio completo e 01 com ensino fundamental completo
Sem ocupação	03	01 com ensino médio completo e 02 com ensino fundamental incompleto
Outras	08	02 com ensino médio completo, 01 com ensino fundamental completo, 03 com ensino fundamental incompleto e 02 analfabetos
Total	41 sujeitos	

Fonte: pesquisa de campo, Itacaré-BA, dez. 2008.
Elaboração: CHIAPETTI, R. J. N., 2009.

Ao iniciarmos as entrevistas fizemos sempre uma primeira questão, com o objetivo de colher os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, perguntando sobre as seguintes variáveis: sexo, idade, ocupação e escolaridade. Na continuidade, com a intenção de obtermos uma narrativa espontânea nas respostas, explicamos o objetivo de nossa pesquisa e pedimos para que falassem sobre o rio. Este processo do pensar das pessoas tornou-se um meio de explorar os significados subjetivos de suas experiências vividas no lugar e permitiu-nos considerar as razões que os levaram a pensar e sentir o rio das Contas de determinada maneira.

Quando este modo de começar a entrevista não dava certo, fazíamos uma segunda questão para que os sujeitos comessem a falar sobre sua percepção com relação ao rio: o que é o rio das Contas para você? Se nem assim eles entendiam a pergunta, mudávamos a maneira de perguntar para: o que significa o rio das Contas para você? Dessa maneira, todas as entrevistas foram sendo feitas, sem problemas, a não ser por interrupções que aconteceram, muitas vezes, devido a questões pessoais dos entrevistados.

Na condução das entrevistas, lembramos de Bourdieu (1996), o qual chama a atenção para o cuidado na relação pesquisador/participante, para que evitemos e/ou fiquemos atentos para a possibilidade de uma criação artificial de sentido do relato oral. Atentas a isso, tomamos cuidado para não conduzir as entrevistas de modo que os sujeitos falassem o que queríamos ou o que precisávamos ouvir.

E, assim, levando em consideração os critérios já descritos, fomos ouvindo (e gravando) os itacareenses voluntários falarem sobre o que sentem com relação ao rio das Contas. Mas, algumas vezes, foi necessário intervir com mais perguntas do tipo: o que mais gosta e o que menos gosta no rio? Se fechar os olhos e pensar no rio, o que sente? Contudo, muitas vezes, as respostas dadas a estas questões acabaram sendo as únicas informações levantadas.

Também, aproveitamos o momento das entrevistas para observar, olhando geograficamente a cidade de Itacaré, o distrito de Taboquinhas e as margens ao longo do rio das Contas e, ainda, para registrar, através de fotografias, as belíssimas paisagens desses locais.

Importante expor que tivemos alguns cuidados necessários na aplicação das entrevistas, pois, ao abordar as pessoas para perguntar se queriam participar, sempre explicamos sobre sua finalidade e que suas falas seriam imprescindíveis para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida. Também perguntamos se as entrevistas poderiam ser gravadas, apenas para que não perdêssemos nada dos seus conteúdos ou nenhum detalhe das narrativas. Ao mesmo tempo, explicamos que as entrevistas seriam transcritas da forma como foram narradas e, depois, seriam digitadas e, posteriormente, utilizadas como principal fonte de informação no desenvolvimento de uma tese de doutorado. Todas as pessoas que participaram não colocaram nenhum empecilho, ao contrário, foram muito solícitas, inclusive, até não se opondo a citar seus nomes, se assim quiséssemos.

Finalmente, nossa presença em Itacaré para fazer pessoalmente as entrevistas foi importante para a pesquisa, porque pudemos conhecer melhor o lugar-rio das Contas e captar como os sujeitos agiam no instante da entrevista: seus gestos, olhares, atitudes, sua aparência física, sua entonação da voz, etc., o que muito contribuiu para a qualidade das informações coletadas. Segundo Chizotti (1991), a imersão do pesquisador nas circunstâncias e contexto da pesquisa é fundamental, pois ele vivencia o momento: mergulha nos sentidos e emoções, reconhece as pessoas entrevistadas como sujeitos que produzem conhecimentos e, ainda, constata que as informações colhidas são fruto de um trabalho coletivo, resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado.

5. Preparação do material coletado

Depois de passada a etapa de coleta das informações nos três locais da pesquisa, a transcrição das entrevistas foi a etapa mais delicada da aplicação do método da história oral, pois transcrevê-las não foi uma tarefa fácil, demandando muito tempo, atenção e cuidado, para não deixar nenhum detalhe de fora.

Assim, primeiro salvamos em um computador todas as entrevistas gravadas e, depois, fomos ouvindo-as e transcrevendo-as, da maneira como

foram faladas. A principal preocupação, neste momento, foi somente com a transcrição das entrevistas, sem considerar pontuação ou ortografia. Também, não nos preocupamos em “limpar o texto”, incluindo, assim, palavras repetidas, vícios de linguagem, entre outros aspectos.

Em seguida, digitamos as entrevistas e, na etapa seguinte, fizemos a chamada “limpeza do texto”, corrigindo-os e pontuando-os para lhes dar forma adequada, sem modificar seus conteúdos e tomando cuidado para não alterar as falas das pessoas.

Quanto à observação, fizemos anotações em papel sobre as diversas situações, fatos, pessoas, gestos, cheiros, etc., logo após terminarmos de fazer as entrevistas em cada um dos três locais pesquisados. Depois, estas anotações foram digitadas e guardadas em arquivos de um computador, para serem utilizadas posteriormente. O mesmo aconteceu com as fotografias tiradas no momento das observações, as quais foram transferidas da câmara fotográfica para um computador.

Desta forma, todo o material coletado na pesquisa de campo ficou pronto, para ser analisado e utilizado como resultado da pesquisa.

6. Considerações finais

O método e as técnicas adotadas para a pesquisa de campo foram válidos, na medida em que corresponderam ao alcance dos objetivos de nossa pesquisa qualitativa, dentro de uma abordagem humanista. Ao mesmo tempo, foi muito importante aplicarmos pessoalmente os instrumentos de coleta das informações, ou seja, fazer as entrevistas, tirar fotografias e, ainda, observar geograficamente o espaço ao longo do rio em Itacaré, para conhecermos, convivermos e interagirmos com os sujeitos da pesquisa, enfim, vivenciarmos diretamente as situações e os locais da pesquisa. Essa vivência trouxe uma importante contribuição para a qualidade das informações coletadas, além de uma grande experiência vivida na perspectiva da Geografia Humanista.

Mesmo que o objetivo deste artigo não tenha sido o de apresentar os resultados da pesquisa, julgamos importante esclarecer que, depois

da interpretação das 41 entrevistas feitas com os sujeitos da pesquisa, agrupamo-las em quatro categorias, quais sejam: trabalho, subsistência, pertença e alegria, com o objetivo de reunir os significados semelhantes que eles deram ao rio das Contas.

Assim, essas quatro categorias contêm os laços de afetividade sentidos na relação dos sujeitos que vivenciam o rio das Contas, ou seja, o que este rio representa para eles, que sentimentos nutrem por este elemento hídrico e como o rio manifesta-se para eles, reconhecendo-o como um espaço aquático muito importante para as suas vidas.

Os significados conferidos ao rio, por estes itacareenses, são sentimentos que demonstram a satisfação psicológica com o ambiente em que vivem, ou seja, com o lugar-rio. Isto é o mesmo que dizer que, de acordo com seus interesses e necessidades, eles vivem suas realidades ou seu mundo vivido, selecionando suas percepções, acumulando-as e dando-lhes significado. Estes significados devem ser considerados para compreendermos as relações entre as pessoas e seu meio, suas expectativas, julgamentos e condutas e, ainda, para sustentar o rio como um atrativo turístico.

Estes significados dados ao rio são, portanto, inseparáveis da emoção... da experiência... dos sujeitos que o vivenciam com afeto em Itacaré e, por isso, expõem amor, apego, amizade, ternura, intimidade... sentimentos considerados fundamentais para a abordagem humanista desta pesquisa.

Referências

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES-MAZOTTI, A. J. O Método nas Ciências Sociais. In: ALVES-MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 2001. p. 109-188.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 7ª tiragem. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 242 p. (Coleção Tópicos, 1 ed. 1989).

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

- BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A. (Org.) et al. **O olhar**. 11ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 65-87. (1.ed. 1988).
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- DARDEL, E. **L'homme et la Terre: nature de la réalité géographique**. Paris: CTHS, 1990. 199 p.
- DENCKER, A. de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisas em turismo**. 4ª ed. São Paulo: Futura, 2000. 286 p.
- DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.
- GARCÍA BALLESTEROS, A. Las aportaciones de la Geografía Humanística. In: _____ (Ed.). **Geografía y humanismo**. Barcelona, Espanha: Oikos-tau, 1992. p. 9-17.
- _____. (Coord.). **Métodos y técnicas cualitativas en geografía social**. Barcelona, Espanha: Oikos-tau, 1998.
- GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopoética. In: OLIVEIRA, L. de; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO, L. H. B.; MARANDOLA JR., E. (Orgs.). **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina, PR: Edições Humanidades, 2006. 299 p. p. 165-189.
- HOLZER, W. Sobre paisagens, lugares e não-lugares. In: OLIVEIRA, L. de.; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO, L. H. B.; MARANDOLA Jr., E. (Orgs.). **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina, PR: Edições Humanidades, 2006. 299 p. p. 109-127.
- HOUAISS, **Dicionário da língua portuguesa**. Disponível para assinantes UOL em: <www.houaiss.uol.com.br/busca>. Acesso em: 2009.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. 340 p.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, L. M. C. P. A serra do mar como espaço e como lugar. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (Orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Editora da UFSCar, 1996. p. 97-119.

MARRE, J. L. História de vida e método biográfico. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, UFRGS, v. 3, n. 3, p. 89-141, 1991.

MEIHY, J. C. S. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 1976. 168 p.

SEIA - SISTEMA Estadual de Informações Ambientais da Bahia. **Unidades de Conservação, APA, APAS Estaduais, APA Costa de Itacaré-Serra Grande**. Disponível em: <<http://www.seia.ba.gov.br>>. Acesso em: mar. 2009.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia e trabalho de Campo. In: _____. **Geografia Física, Geomorfologia: uma (re)leitura**. Ijuí: Editora da UNIJUI, 2002.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 203 p.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WHYTE, A. V. T. **Guidelines for fields studies in environmental perception**. Paris: UNESCO, 1977. (MAB Technical Notes 5).

Recebido em: 13/05/2010

Aceito em: 16/08/2010